

ADAILTON GALENO DE SOUSA

EDUCAÇÃO & SEXUALIDADE: um estudo da formação e desenvolvimento sexual dos educandos das séries iniciais

Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Normal Superior, sob a orientação da Professora Sílvia Maria de Carvalho Cardoso.

PARNAÍBA
2011

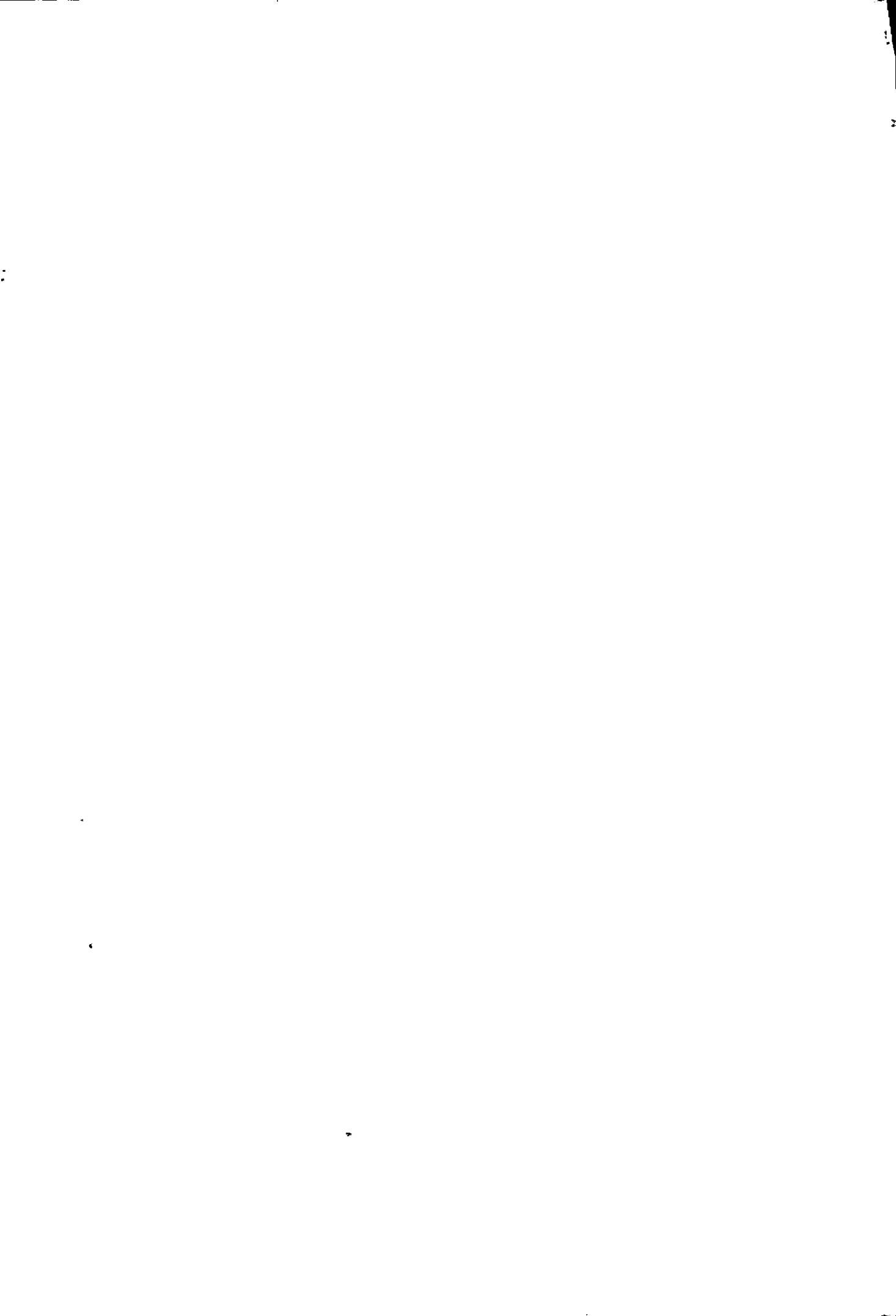
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

ADAILTON GALENO DE SOUSA

EDUCAÇÃO & SEXUALIDADE: um estudo da formação e
desenvolvimento sexual dos educandos das séries iniciais

PARNAÍBA
2011

Biblioteca UESPI - PHE
Registro N° 11696
CDD 306.76
CUTTER < 5725e
V _____ EX. 01
Data 20 / 03 / 2012
Visto _____



ADAILTON GALENO DE SOUSA

EDUCAÇÃO & SEXUALIDADE: um estudo da formação e desenvolvimento sexual dos educandos das séries iniciais

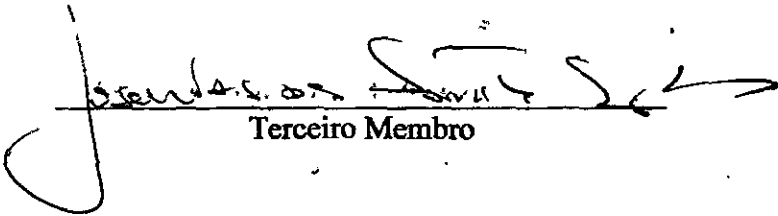
Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Normal Superior, sob a orientação da Professora Silvia Maria de Carvalho Cardoso.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Primeiro Membro

Segundo Membro



Terceiro Membro

Catálogo na Fonte
Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

S725e SOUSA, Adailton Galeno de

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: Um Estudo da Formação e Desenvolvimento Sexual dos Educandos das Séries Iniciais. Adailton Galeno de Sousa - Parnaíba, 2011. 33p.

Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí, 2011.

Orientadora Prof^ª: Sílvia Maria de Carvalho Cardoso.

01. Educação, 02. Sexualidade, 03. Escola.

CDD – 306.76

Dedico primeiramente a Deus, meu refúgio espiritual, por me permitir chegar a essa etapa da vida, aos meus amigos por terem me dado apoio nas horas difíceis, aos meus familiares pelos estímulos e confiança que depositaram sobre minha formação pessoal e profissional, em especial aos meus pais JOÃO VIEIRA DE SOUSA NETO (*in memoriam*) e MARIA DA CONCEIÇÃO GALENO DE SOUSA. Sem esquecer meus irmãos MARCOS GALENO DE SOUSA e KATIA DE SOUSA DIAS, e sobrinhos PATRICKY e POLYANA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força para concluir este trabalho. À minha orientadora Silvia Maria de Carvalho Cardoso por gentilmente ter me orientado com tanto desvelo e desprendimento. Aos grupos de trabalho dos quais fiz parte, em especial ao grupo da IPP (Shirley, Tatiane, Rosi, Zulmira, Ruth, Francisca Aguiar e Milagres). Aos professores da UESPI, sem esquecer os professores do ISEAF em especial às professoras Márcia Ione, Gilvana Parente, Dalva e Shamalia Soares.

***A educação é a arma mais poderosa que
pode mudar o mundo.***

(Nelson Mandela)

RESUMO

Este trabalho trata da compreensão da sexualidade à luz das discussões no âmbito da educação e da história. Nele buscou-se apresentar alguns aspectos relativos às mudanças que ocorreram no comportamento e nas discussões em torno do que seja sexualidade. Tentou-se verificar como a sociedade e a escola atualmente lidam com alguns temas, muitos ainda considerados tabus, e como a sexualidade acaba entrando em todos os espaços sociais. Para a efetiva fundamentação desse trabalho nos acercamos de alguns autores como Sigmund Freud (2002), Michel Foucault (1997), Souza (2002), Dias (1992) etc. Enfim, concluímos que a sexualidade é algo que ultrapassa meramente aspectos biológicos e que discutir sexualidade significa compreender o ser humano em toda sua complexidade.

PALAVRAS-CHAVES: Educação. Sexualidade. Escola.

ABSTRACT

This work deals with the understanding of sexuality in the light of discussions on education and history. In it we tried to present some aspects of the changes that occurred in the behavior and discussions around what is sexuality. We tried to see how society and the school currently dealing with some issues, many still considered taboo, such as sexuality and ends up in all social spaces. For the effective foundation of this work we approach some authors such as Sigmund Freud (2002), Michel Foucault (1997), Souza (2002), Dias (1992) etc. Finally, we conclude that sexuality is something that goes beyond merely biological and that discussing sexuality means to understand the human being in all its complexity.

KEY-WORDS: Education. Sexuality. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – O DESPERTAR DA SEXUALIDADE	10
1 Breve contextualização histórica sobre a sexualidade	10
CAPÍTULO II – SEXUALIDADE, FAMÍLIA E ESCOLA	18
2 Sexualidade	18
2.1 Fases do desenvolvimento psíquico-sexual	19
2.2 Família, escola & vivências afetivas	22
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS	26
3.1 Contextualização da pesquisa	26
3.2 Referencial empírico e teórico	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXO	34

INTRODUÇÃO

Uma das ideias que me despertou particularmente para essa temática surgiu durante as aulas de Antropologia da Educação, nelas sempre surgiam questões que não raras vezes tanto nos despertavam o interesse quanto nos colocavam diante de dúvidas e tabus. A percepção de quanto o tema se tornará significativa para mim ocorreu efetivamente quando da realização do Estágio Supervisionado I, onde durante a permanência no ambiente escolar foi possível para mim observar como a sexualidade se manifestava nas brincadeiras, nos rabiscos nas paredes, nos banheiros e carteiras nas salas de aula. Assim, o presente trabalho surge tanto de uma inquietação teórica como de um desejo de compreender as nuances que envolvem a sexualidade, principalmente no âmbito da educação. Esse trabalho intitulado *Educação & Sexualidade: um estudo da formação e desenvolvimento sexual dos educandos das séries iniciais* teve como objetivo discutir e compreender alguns temas relativos à sexualidade. Buscamos ao longo do trabalho lançar luz sobre o contexto histórico da sexualidade, sobre os processos psíquicos da “evolução” sexual, bem como sobre os aspectos referentes à educação sexual na escola.

No primeiro capítulo tratamos de um breve contexto da sexualidade na história, indo, sem nos preocuparmos com o detalhamento típico de historiadores, numa escala temporal longa, do mundo Greco-romano ao século XX. Procuramos neste mostrar as mudanças em torno das práticas e conceitos da sexualidade. No segundo capítulo, abordamos o quadro psíquico-social da “evolução” sexual humana segundo os preceitos da psicanálise freudiana. Buscamos apresentar uma noção baseada em etapas do desenvolvimento, sem contudo nos limitarmos a definir qualquer hegemonia do aspecto biológico sobre o social e vice-versa. No terceiro e último capítulo, demos ênfase a aspectos empíricos da pesquisa, pois aqui se fez necessário uma coleta de dados referentes a compreensão da sexualidade na escola. Nesse sentido, lançamos mão de um instrumento de coleta de dados (questionário), o que nos deu subsídio para falarmos, embora uma ínfima realidade, de um contexto prático do universo escolar. Para esse capítulo tivemos como único objetivo confrontar teoria e prática.

Por fim, compreendemos que a sexualidade está presente em todos os espaços, desde o seio da família até o espaço escolar. Que a educação sexual somente se efetivará a partir do diálogo e do respeito a toda e qualquer manifestação de comportamento, devendo tanto a sociedade quanto a família resguardar o direito integral do indivíduo de exercer livremente sua sexualidade.

CAPÍTULO I

O DESPERTAR DA SEXUALIDADE

Na selva amazônica, a primeira mulher e o primeiro homem se olharam com curiosidade. Era estranho o que tinham entre as pernas.

- Te cortaram? - Perguntou o homem.

- Não – disse ela. – Sempre fui assim.

Ele examinou-a de perto. Coçou a cabeça. Ali havia uma chaga aberta.

Disse:

- Não comas mandioca, nem bananas, e nenhuma fruta que se abra ao amadurecer. Eu te curarei. Deita na rede, e descansa.

Ela obedeceu. Com paciência bebeu os mingaus e ervas e se deixou aplicar pomadas e os unguentos. Tinha de apertar os dentes para não rir, quando ele dizia:

- Não te preocupes.

Ela gostava da brincadeira, embora começasse a se cansar de viver em jejum, estendida em uma rede. A memória das frutas enchia sua boca de água.

Uma tarde, o homem chegou correndo através da floresta. Dava saltos de euforia e gritava:

- Encontrei! Encontrei!

Acabava de ver o macaco curando a macaca na copa de uma árvore.

- É assim – disse o homem, aproximando-se da mulher.

Quando acabou o longo abraço, um aroma espesso, de flores e frutas, invadiu o ar. Dos corpos, que jaziam juntos, se desprendiam vapores e fulgores jamais vistos, e era tanta formosura que os sóis e os deuses morriam de vergonha.

Eduardo Galeano, Mulheres, 2007.

“Abriram-se os olhos de ambos e começaram a perceber que estavam nus.”

(Gênesis 3,7).

1 Breve contextualização histórica sobre a sexualidade humana

Tanto a narrativa do escritor uruguaio Eduardo Galeano quanto o texto bíblico nos relata o momento em que o homem percebe sua nudez e passa a envergonhar-se diante do outro. Ao abrir os olhos abre-se uma janela para o curioso, para o desconhecido, para o proibido, enfim, para a descoberta dos sexos.

Nos povos antigos sabe-se que as tarefas eram divididas de acordo com os seus sexos. Ao homem cabia as tarefas que exigiam força (caça, pesca, construção de moradias) e as mulheres as atividades domésticas (cozinhar, cuidar das crianças e trançados) e a mais importante delas, dar continuidade ao clã. “No início a humanidade

vivia em pequenos grupos. Ali dividiam o escasso material de sobrevivência. Isto é, caça, pesca e lugares nas cavernas e colinas.” (TOCKUS, 1986, p.14).

Como uma das atividades das mulheres era dar continuidade ao clã, elas tinham o amor livre, o que significa dizer que as mesmas mantinham relações afetivas sem a necessidade de manter-se presa a um parceiro. Originando uma forma específica de organização social, onde os frutos dessas relações não tinham necessariamente um pai definido, assim, as mães dividiam as tarefas com os demais membros do grupo. O que ainda não podia ser caracterizado como um conceito de família.

|| Segundo o Dicionário Aurélio, família é a organização que leva em conta “... o pai, a mãe e os filhos, pessoas do mesmo sangue.” (AURÉLIO, 2002, p.312). Esse conceito, que é tipicamente ocidental, só vai surgir quando da emergência da propriedade privada, onde o homem passa a exigir o direito sobre suas posses. Daí também surge a necessidade de se fixar uma parceira e ao mesmo tempo a exigência de fidelidade por parte da mesma, como forma de assegurar o patrimônio.

Numa das mais remotas narrativas sobre a formação de um núcleo familiar temos o livro de Gênesis, que nos relata a história da criação segundo a crença hebraica de Adão e Eva.



Figura 1 google imagens

Segundo aquele livro:

O Senhor Deus transformou a costela retirada do homem em mulher e levou-a a ele. O homem exclamou:

“Eis, desta vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne! Ela chamará humana, pois do humano foi extraída”. Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para ligar-se à sua mulher, e tornam uma só carne. (BÍBLIA, 1995, p.13).

Diferente dos hebreus, os gregos tinham uma visão diferenciada sobre a união afetiva. Para os gregos predominava a ideia de matrimônio baseada na noção de conjugalidade, que é o exercício legítimo da união. Segundo Michel Foucault:

A arte de ser casado não é simplesmente, para os esposos, uma maneira racional de agir, cada qual por seu lado, visando um fim que os dois parceiros reconhecem e onde se reúnem; trata-se de uma maneira como casal e de ser apenas um; o casamento exige certo estilo de conduta em que cada um dos cônjuges leva a própria vida como uma vida a dois e em que, juntos, eles formam uma existência comum. Esse estilo de existência se marca, antes de mais nada, por uma certa arte de estar junto. Por causa dos negócios, o homem deve ficar fora, ao passo que a mulher deve permanecer em casa. (FOUCAULT, 1997, p.27-28).

As práticas sexuais e as demonstrações de afetividade fora do matrimônio, especialmente as relações homoeróticas, não causavam nenhum sentimento de culpa entre os gregos ou romanos, noção que só vai surgir com a emergência da moral cristã. O ato de relacionar-se com pessoas do mesmo sexo, no caso masculino, por exemplo, não os rebaixava da condição de homens, devendo os mesmos assumir o papel ativo tanto nas relações quanto na própria sociedade.

Essas práticas ficam mais evidenciadas nos banquetes, onde, segundo Funari, “comia-se, bebia-se e principalmente, conversava-se, filosofava-se, mas havia também relações sexuais que envolviam tanto homens entre si e com as hetáiras, enfim, verdadeiras orgias.” (FUNARI, 2002, p.56). Fato muito bem retratado no famoso livro de Platão (427 aC. – 347 aC.), *O banquete*. Onde aquele filósofo descreve um desses encontros regado a vinho e intimidades.

O amor socrático, aquele devotado aos rapazes, também era uma forma de expressão da sexualidade entre os gregos e romanos. Essas relações, como uma forma elevada de amizade, eram caracterizadas pelas trocas de experiências, pois geralmente aconteciam entre professor e aluno, significando também uma relação pedagógica. Já a sexualidade romana é um pouco diferente da grega, pois era uma sociedade tipicamente

patriarcal.¹ As relações sexuais entre os romanos, embora menos ligadas às práticas pedagógicas do que as afinidades políticas, também deixavam evidentes tanto as relações heterossexuais quanto as homossexuais. Nesse caso, a figura mais emblemática, pelo menos no anedotário da época, é a do Imperador Caio Júlio César que segundo as más línguas era “o homem de todas as mulheres e a mulher de todos os homens.” (FUNARI, 2002).

Segundo Pedro Paulo Funari (2002, p.106), “os romanos deviam penetrar, para ser considerados homens de verdade e não podiam ser penetrados.” A citação feita por Funari nos coloca a seguinte questão: os “homens” romanos, mesmo vivenciando um relacionamento homoafetivo, deveriam manter o papel que assumem socialmente, ou seja, deveriam representar sempre a condição masculina.



Figura 2 – google imagens

Para os romanos era aceitável que o patrão assumisse a postura ativa diante dos escravos e escravas, porém, não o inverso. Essa noção fica evidente com o Imperador Julio César, que em alguns momentos era dominante e em outros se deixava dominar, invertendo os papéis de acordo com suas necessidades. Assim, “Seria mais apropriado considerar que o condenável na sociedade romana era o fato de fazer-se passar por alguém do outro sexo, e não o de manter relações com pessoas do mesmo sexo, seja de forma ativa ou passiva.” (FUNARI, 2002, p.106).

¹ No entanto, as mulheres romanas tinham alguma liberdade para participar de eventos sociais, como banquete e reuniões, e exerciam certa influência naquela sociedade.

O cristianismo vem trazer uma nova perspectiva em relação ao sexo e ao corpo. O sexo, seguindo o velho preceito bíblico do “Crescei e multiplicai-vos.” (BÍBLIA, 1995, p.12), ficou sendo visto como algo meramente relacionado à procriação. Já o corpo assume toda uma carga repressiva, pois seria ele a fonte de todo pecado. A própria nudez, tão usual e natural entre gregos e romanos, durante o cristianismo adquire conotações negativas. Assim eram os olhares da moral cristã sobre as práticas sexuais, pois os mesmos pregavam que as tais práticas estavam ligadas à ideia do sujo, do imoral, do pecado, despertando em seus praticantes o sentimento de culpa e pecado.

Com o surgimento do Cristianismo surge também as respostas para os questionamentos tanto psicológicos como comportamental da sociedade romana. Ao se tornar religião oficial a moral cristã impôs valores, onde a virgindade passou a ter um valor significativo se associado o sexo à noção de pecado. Quem havia cometido alguma espécie de pecado, deveria redimir-se ou abster-se do prazer, tornando o ato em algo meramente voltado para a reprodução.

Contudo essa interferência eclesiástica na vida íntima dos fiéis não foi aceita com facilidade. Quanto mais recuados no tempo e mais afastados dos grandes centros clericais (sedes de bispado, mosteiros), mais os medievos puderam viver de forma “pagã”, no dizer da Igreja. Os camponeses, em especial, superficialmente cristianizados até fins da Idade Média em várias regiões, quase sempre escapavam àquele controle. Os aristocratas, interessados em casamentos que garantissem bons dotes e grande prole para dar continuidade à linhagem e herdar o patrimônio fundiário da família, resistiram por muito tempo ao modelo de união sexual que a Igreja determinava. (FRANCO JUNIOR, 2001, p.170).

Também era comum durante a Idade Média as pessoas comessem com as mãos, que compartilhassem o mesmo prato e também a mesma caneca de vinho. Esses rituais de partilha acabavam aproximando cada vez mais as pessoas fazendo com que as mesmas estreitassem as relações entre si e com seus próprios corpos. O ato de tocar o próprio corpo está relacionado às descobertas, as sensações, as relações e estímulos que o corpo manifesta quando é tocado em determinadas áreas.

As práticas sexuais causavam um sentimento de vergonha e de medo, tendo em vista que as mesmas, nesse período que corresponde a Idade Média, passaram ser de foro pessoal assumindo status de interesses familiar, o que afetou as práticas sexuais passando as mesmas a serem vigiadas pela Igreja, que defendia o matrimônio e uma vida mais regrada, longe dos atos pecaminosos.

Conforme as transformações na estrutura social o homem passa a inserir no seu cotidiano mudanças que aos poucos irão transformar também sua visão diante das práticas

sexuais. Exemplo disso temos os trajes masculinos do século XV que acentuaram de forma marcante o sexo masculino, mostrando dessa forma que o genital, naquele momento estava menos sujeito a tabus do que no período anterior de maior repressão da Igreja.

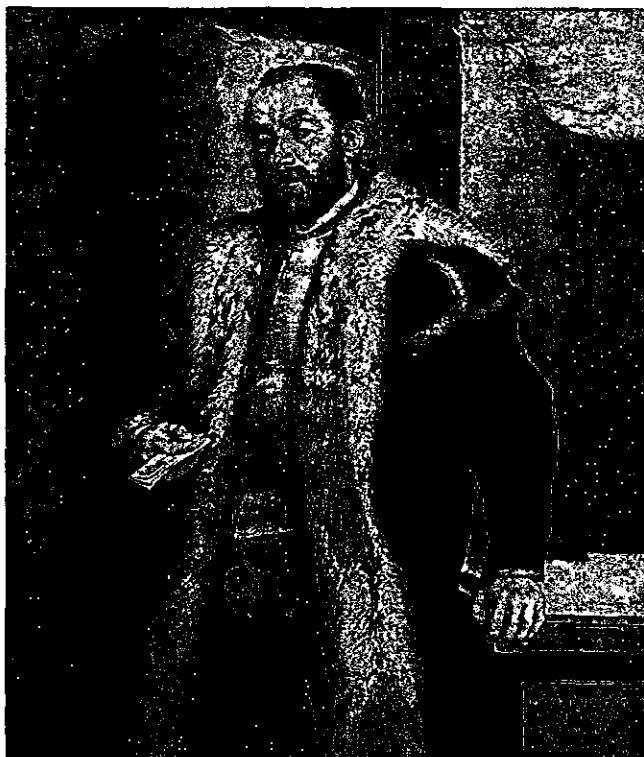


Figura 3 – google imagens

Assim também aconteceu nas formas de moradia. No século XVI, por exemplo, eram comuns as casas possuírem apenas dois cômodos, um deles destinado à realização das refeições, o outro, “sala” que durante a noite tinha função de quarto. Diferentes das famílias burgueses, os camponeses dormiam aos montes e dividiam o mesmo espaço, sendo que estes espaços não tinham divisória. Apesar de referir-se ao século XVI, ainda é possível encontrarmos essas práticas nos dias atuais. Conforme o passar dos anos a estrutura das casas também mudaram, o quarto foi isolado dos demais compartimentos, porém permaneceu o caráter público, pois era comum receber visitas, era lá também onde decisões importantes eram tomadas.

O século XVIII foi marcado pela ignorância de alguns e por uma visão distorcida de outros em relação à sexualidade. Livros de cunho normatizador foram publicados com a intenção corrigir determinadas práticas sexuais, como a masturbação infantil e a homossexualidade. Por exemplo, em 1710 foi publicado um livro sob o título de *Onania ou o Pecado Infame da Desonra de Si Mesmo e Suas Terríveis Consequências para Ambos os Sexos, com Conselhos Morais e Físicos Endereçados Àqueles Que Já*

Sofreram os Prejuízos Desse Hábito Abominável. O livro afirmava que as doenças como fimose, epilepsia e impotência eram provocados pela masturbação. Livros como esses chegaram a afirmar que “quem se masturba uma única vez pode morrer dentro de alguns dias, quem espera sair ileso será atingido ainda mais gravemente após anos de aparente saúde.” (TOCKUS, 1986, p.17).

O N A N I A:
OR, THE
HEINOUS SIN
OF
Self-Pollution,

AND ALL ITS

Frightful Consequences, (in both SEXES.)
CONSIDER'D;

With Spiritual and Physical ADVICES to those who
have already injur'd themselves by this abominable
Practice.

The FIFTEENTH EDITION, as also the SIXTH EDI-
TION of the SUPPLEMENT to it, both of them,
Revis'd and Enlarg'd, and now Printed together, in this
One Volume.

And as the several Passages, in the Former Impressions,
that have been charg'd with being Obscure and Ambig-
uous, are, in *This*, clear'd up, and explain'd, there
will be no more Alterations or Additions made to them.

*And O man know that the Seed should not be hid, and it came to
pass, when he sowed in unto his Brother's Wife, that he sowed it
on the Ground, yet that he should give Seed to his Brother.
And the Thing which he Did, displeas'd the LORD; wherefore he
Slew him also. Gen. xxxviii. ver. 9, 10.*

New Quis, Sed Quis.

L O N D O N :

Printed for, and now Sold only by J. JORDAN, at the Golden-
Ball, between St. Dunstons Church, and Chancery Lane End
in Fleet-Street, Bookbinder, 1713. (Mr. CROUCH, Bookbinder, who
was also to sell it, being dead.)
(Three Shillings Three Deniers, and Bound Three Shillings and .

Figura 4 – google imagens

Como motivo de repressão à masturbação, os colégios internos utilizavam métodos rigorosos e porque não violentos contra seus internos. No século XVII os meninos eram obrigados a usar uma espécie de gaiola em sua região genital. Essas gaiolas chamavam a atenção dos adolescentes para uma auto-satisfação ao mesmo tempo em que os puniam quando os mesmos ficavam excitados. Com o passar do tempo essas gaiolas foram aperfeiçoadas, as mesmas quando não possuíam dispositivos elétricos que acionavam os pais ou o diretor da escola, tinham o seu interior revestido por pontas que causavam dores. Os pijamas também eram usados como objetos de punição, pois não eram pijamas comuns, eles possuíam pontas nas costas e os meninos não podiam dormir sem cobertas.

Atribui-se ao século XIX o surgimento da revolução sexual que desafiava os códigos de comportamento da época. A chamada revolução sexual incluiu uma maior

aceitação do sexo fora das relações tradicionais (relações monogâmicas e heterossexuais). Com essas aceitações, outras formas alternativas de relacionar-se sexualmente acabaram ganhando uma maior visão dentro das sociedades ocidentais.

O feminismo, que trata-se de um movimento social, filosófico e público, tinha como metas os direitos iguais e uma vivencia humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero. Estava ligada a revolução sexual, pois lutavam pelos direitos e, sobretudo a integridade do próprio corpo. Na segunda metade do século XIX, a Igreja estava informada sobre a utilização do preservativo já que o mesmo se tornou difundido depois da vulcanização da borracha em 1843, o que permitiu sua fabricação com um valor mais acessível. Até o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a emancipação sexual foi marcada por manifestações associadas a artistas e intelectuais. O público ficava de fora apenas a acompanhar ou expressavam suas indignações quando escritores protestavam contra a falsa moral.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a revolução sexual apresentou uma divulgação mais extensa, isso devido aos meios de comunicação. No entanto, no período correspondido entre as duas guerras questionaram-se as atitudes dos adolescentes, que reagiram de forma negativa ao amor romântico buscando uma maior naturalidade nas relações. Diante dos acontecimentos a Igreja adotou uma postura um pouco mais flexível enfatizando sempre uma prática sexual saudável, ou seja, a sexualidade passou a ser discutida de forma mais objetiva apresentando maior caráter informativo. Essa nova abordagem foi aos poucos desmistificando determinadas situações como, por exemplo, a auto-estimulação que já não é mais vista como algo nocivo à saúde, passando até a ser reconhecida como pré-requisito de um bom desenvolvimento sexual.

De maneira geral, o século XX foi marcado por avanços e estudos tanto no campo da medicina quanto no campo sociológico. A medicina está inserida devido aos estudos dentro das tecnologias que envolvem os métodos reprodutivos e contraceptivos. Já no campo comportamental destacam-se os estudos feitos por Michel Foucault (1926-1984) que se tornaram uma das principais referências para os atuais estudos que focam a construção da sexualidade, principalmente no que tange aos “desvios” sexuais.

CAPÍTULO II

SEXUALIDADE, FAMÍLIA E ESCOLA

Imaginemos a seguinte cena, que se passa em um consultório médico, em que duas meninas estão sentadas esperando a realização dos partos de suas respectivas mães:

A primeira garota fala: - "Meu pai disse que a cegonha trará um bebê para nós".

A outra garota responde despidoradamente: - "Meus pais transaram." (Cena do Filme, A família Adams 2, 1993.)

2 Sexualidade

A presente narrativa, embora retirada da ficção, retrata como as informações sobre a sexualidade são transmitidas pelos pais para as suas respectivas filhas. Os mitos da sementinha e no caso específico o da cegonha ainda são muito utilizados pelos pais para explicar uma gravidez.

¶ Quando falamos em sexualidade dentro de um contexto social envolvemos a família que é responsável pela educação de seus filhos, bem como a escola que tem por dever oferecer uma educação de qualidade baseada na promoção de valores morais dentro dos padrões da sociedade.)

Assim como a educação, a sexualidade faz parte do processo formativo de cada indivíduo. Esse processo de formação caracteriza-se desde o momento da fecundação, do estágio gonadal, da definição sexual fenotípica, que é a parte externa dos genitais, aquela que pode ser vista, chegando até as etapas da "evolução" sexual humana.

¶ É nas etapas de evolução que descobrimos as características sexuais, pois até a puberdade os dois sexos apresentam desenvolvimento muito semelhante. Por isso é de grande relevância que os pais e os educadores conheçam as principais características da evolução sexual humana. A influência dos pais e dos educadores é de grande importância para que as futuras gerações exerçam uma educação saudável e correta. Nesse sentido, "educar sexualmente significa desencadear o processo que possibilite a criança assumir atitudes sadias perante a sexualidade, com liberdade, afeto e responsabilidade, para que possa optar conscientemente pela vida que deseja levar." (SOUZA, 2002, p.15).

2.1 Fases do desenvolvimento psíquico-sexual

Para que exista uma educação sexual que possibilite a criança ou ao adolescente exercer atitudes sexuais saudáveis é necessário que tanto os pais como os educadores saibam identificar os estágios sexuais pós-nascimento, que se divide em três fases.

Fases do desenvolvimento

Fases	Estágio
Fase auto-erótica (aproximadamente dos 0 a 4 anos)	Oral , anal e genital
Fase heteroerótica (aproximadamente dos 4 a 10 anos)	Complexo de Édipo, Complexo de Electra e período de latência
Fase de maturação (aproximadamente dos 10 a 19 anos)	Crise biológica, psicológica e crise social.

Fase auto-erótica, vai de zero a quatro anos. Os estímulos partem do próprio corpo, a criança é o centro do seu próprio interesse. Esse período por sua vez divide-se em três estágios: oral, anal e genital.

Estágio oral, nessa fase a satisfação está no ato de mamar. Ao sugar o leite que tem função de nutrir, a criança passa a sentir prazer, pois sua energia vital concentra-se na boca, nos lábios, na mucosa oral. Tornando a amamentação um dos momentos mais importantes desse estágio, porque ele vai além do ato de alimentar. Nesse estágio a mãe transmite segurança para a criança, estreitando os laços afetivos através dos braços que os protege e conforta.

Estágio anal, começa por volta dos dois anos. A criança descobre as funções excretoras, a eliminação das fezes e da urina é excitante, nesse estágio as crianças passam a controlar seus músculos esfínterianos, com esse controle eles passam a ficar sozinhas no banheiro. Dentro dessa descoberta é fundamental que os pais não tentem interferir, mas que auxiliem com a higienização. No entanto a mesma deve ser breve para não estimular demais seus esfínteres e não incentivar seu complexo de limpeza.

Estágio genital, é a fase em que a criança toma consciência que tem órgãos genitais. Esse estágio ocorre entre os três e quatro anos, tendo como características a constante manipulação dos genitais por parte da criança. Isso por muitas vezes é visto com estranheza por parte dos pais, o ato de tocar os genitais constantemente está ligada a auto-erotização, embora a mesma esteja livre de malícias.

O estágio genital está ligado a identificação com os pais, a anatomia do corpo infantil é encarada de forma natural, já que os sentimentos de vergonha só surgirão mais tarde quando a criança começar a frequentar a escola. Na faixa etária que corresponde ao estágio genital, além de descobrir seu próprio sexo a criança percebe suas diferenças em relação ao corpo do outro, o que geralmente é acompanhado pela exibição do próprio corpo. É dentro dessa fase que a criança começa a perceber o que é permitido e o que é proibido em relação ao corpo dentro de seu meio social.

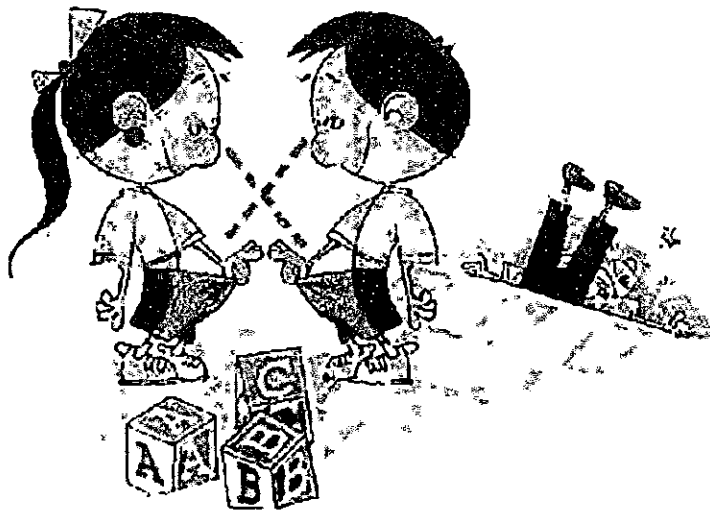


Figura 5 – google imagens

Fase hetero-erótica. É a fase em que onde os estímulos psicológicos e sociais são captados do ambiente. É também nessa fase que ocorre situações que são resolvidas pelas próprias crianças, o que ajuda na construção da sua própria identidade. É um período que inicia-se aos quatro anos e vai aproximadamente até aos dez anos, dentro desse período ocorrem processos importantes, como por exemplo, os Complexos de Electra e de Édipo, o Complexo de Castração e o período de Latência.

Os Complexos de Electra e de Édipo são dois processos parecidos, porém demonstram as diferentes reações que as crianças esboçam pelo adulto do sexo oposto. O

Complexo de Édipo acontece quando o menino recebe e retribui carinho despertando um sentimento pela mãe, torna-se prestativo, cuidadoso e deseja estar sempre por perto, sente ciúmes do pai e tenta afastá-lo, enquanto a mãe torna-se objeto de disputa. Para vencer as eventuais disputas para obter a atenção da mãe, deseja livrar-se do pai, mas para que isso aconteça imita o comportamento do mesmo. No Complexo de Electra a menina tenta conseguir a atenção do pai imitando as características da mãe, que no seu entendimento passa a ser sua rival, a mãe passa ser objeto de ciúmes, enquanto o pai é tido como objeto de amor. A menina tenta colocar-se sobre o casal, desobedecendo a mãe tratando a mesma com hostilidade, ao mesmo tempo em que teme perdê-la.

O Complexo de Castração acontece quando as crianças percebem-se genitalmente diferentes, os meninos pensam que a mulher não possui uma parte do corpo, já as meninas se sentem em desvantagem por acreditar que lhes falta uma parte de seu corpo, “o pênis”. As características apresentadas no Complexo de Castração podem ser exemplificadas na leitura do texto de Eduardo Galeano na epígrafe do capítulo anterior, onde o homem olha para a mulher e pergunta: “te cortaram?”, ela responde: “sempre fui assim.”

De acordo com Souza:

[Nessa fase] O menino fica com medo de perder o seu pênis, de tornar-se “castrado”, por julgar que isso ocorreu com as meninas, ou seja, que elas foram de alguma forma diminuídas. A menina quer um pênis para não se sentir diminuída em relação aos meninos. As sensações são angustiantes, porque “lembram” experiências anteriores de separação, como o nascimento e o desmame, mas são resolvidos junto com o complexo de Édipo e o de Electra, por meio da identificação com os modelos afetivos primordiais da criança, o pai e a mãe. (SOUZA, 2002, p.58).

Diante dos fatos vemos a necessidade, por parte dos adultos (pais e parentes próximos), da valorização das diferenças sem o esboço de qualquer discriminação. Nessa fase, deve-se tomar os devidos cuidados para não reforçar os temores que as crianças podem apresentar nesse período.

O período de Latência é um dos períodos mais críticos, pois acontece uma sedimentação dos conhecimentos que a criança conquistou, principalmente na área afetiva e sexual. Nesse período ocorre um intervalo no processo de evolução sexual que é tida como uma “hibernação”, que os prepara para o despertar da fase seguinte. É no estágio de Latência que ocorre a afirmação da identidade sexual, durante esse estágio a criança demonstra interesse por pessoas, fatos e conhecimentos gerais.

A fase de Maturação acontece dos dez aos dezenove anos, é a fase onde surgem novas experiências e sensações. Nessa fase ocorrem várias crises como a biológica - que acontece devido ao crescimento desproporcional do corpo; a psicológica - que está voltada para o sentimento de mudança, de aguçamento do senso crítico, para o questionamento dos valores e a busca da estruturação psíquica; e por fim, a crise social - na qual os adolescentes sentem dificuldades em se encaixar nos grupos ao qual pertencem, nessa fase é comum o afastamento da família, pois geralmente eles buscam grupos da mesma idade.

A fase de Maturação, assim como as anteriores, diz respeito ao processo de “evolução” psíquico-sexual humana definida por Sigmund Freud em seu famoso e polêmico *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*², embora devamos levar em consideração que a sexualidade vai além de qualquer “programa evolutivo”, porque a mesma só ganham sentido dentro de um contexto social e cultural, contexto esse que não é necessariamente linear e homogêneo, mas que varia de sociedade para sociedade ao longo do tempo, como vimos no primeiro capítulo.

2.2 Família, Escola & Vivências Afetivas

Antes de falarmos do conceito de família e das suas responsabilidades para as pessoas que a compõe, é necessário saber quais foram os modelos familiares que serviram de base para a família brasileira.

Segundo Dias:

A família brasileira tem sua formação influenciada na Revolução Industrial que teve início no século XIX, as famílias tornaram-se do tipo nuclear (pai, mãe e filhos), dando origem ao modelo de família patriarcal que predominou até a década de 1960. (DIAS, 1992, p.61)

Esse tipo de formação família onde a autoridade masculina predominava era responsável pela subsistência de todos, não existia uma divisão de poderes, significa dizer que quando o homem sai de casa para o trabalho a mulher era responsável pelas tarefas domésticas e a educação dos seus filhos.

As uniões que eram realizadas nessa época eram feitas meramente por interesses, pois não eram realizadas por questões afetivas ou por atração sexual, o que

² Cf. FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

permitia que os homens mantivessem relações extraconjugais. No entanto, se a mulher alimentasse um relacionamento extraconjugual era tido como um escândalo.

Com a industrialização que possibilitou o ingresso da mulher no mercado de trabalho, amenizou-se a autoridade patriarcal, o que possibilitou uma intimidade entre pais e filhos, diminuindo os castigos.

Falar da família brasileira de um modo geral é uma tarefa complicada, pois existem estruturas familiares coexistindo dentro da nossa sociedade, com diferentes especificidades. Há famílias operárias, a burguesa, a que mora no campo, a de cidades pequenas, a de grande metrópole, a família indígena etc. (DIAS, 1992, 62).

Apesar de referir-se a industrialização, da intimidade dos pais com os filhos e da grande dificuldade de explicar as estruturas familiares existentes na sociedade, é importante que saibamos que esses fatos foram responsáveis pela nova formação familiar, pois um dos fatos que contribuíram para essa nova formação familiar foi a luta das mulheres por direitos igualitários, a própria entrada da mulher no mercado de trabalho, bem como as conquistas e mudanças sociais ao longo do século XX.

Assim, como nos fala Dias (1992, p.9) em família “tudo é transitório”. Dessa forma, o mesmo acontece com alguns conceitos que utilizamos para definir algo, podemos tomar como exemplo o conceito tradicional de família que dizia que o núcleo familiar era composto apenas por pai, mãe e filhos consanguíneos, no entanto, hoje vemos a emergência de novas formações baseadas nas diferentes disposições familiares.

A família também é a grande responsável pela inserção do indivíduo no universo social. Nesse sentido, a educação cumpre o papel de repassar os valores sociais e morais, os quais são de fundamental importância para a vida em sociedade. Uma vez que somos seres sociais necessitamos viver em conjunto para adquirirmos essas ferramentas de sociabilidade.

Com a evolução das últimas décadas as crianças precisam se adaptar aos mais diferentes tipos de “núcleos familiares”. Temos pai, mãe e filhos; mãe e filhos; pai e filhos; pai, mãe e filhos adotivos; crianças que são criadas pela avó, madrasta, tia, prima, ou ainda pela namorada da mãe ou pelo namorado do pai, na união homossexual, cada dia mais frequente em nosso país, existem famílias de todos os tipos. (RIBEIRO, 2006, p.63 *apud* ARAÚJO, 2010, p.25).

Essas novas disposições familiares, como descrito acima por Ribeiro (2006), ainda provocam estranheza em grupos mais conservadores, embora hoje a sociedade já coloque em discussão os direitos e implicações sociais, morais e sexuais dos indivíduos

que se encaixam dentro dessa nova e alargada concepção de família. Assim, algumas questões são colocadas para discussão pública como, por exemplo, àquela que diz respeito à condição de casais homossexuais adotarem filhos. Segundo Contardo Calligaris:

Há um campo de pesquisas importantes nos EUA e em alguns lugares da Europa, onde já há um bom tempo os casais homossexuais foram autorizados a adotar crianças. Está absolutamente claro que as características, tanto do futuro da vida sexual dessas crianças como da patologia eventual delas são absolutamente idênticas às das crianças criadas por casais heteros. (CALLIGARIS, 2011, p. 83).

Diante do que Calligaris nos fala, podemos entender que as crianças criadas dentro dessa nova concepção de família, formada por casais de mesmo sexo, passarão pelos mesmos processos de formação e de educação que as crianças criadas por casais heteros. Diante desses dilemas tanto a família quanto a escola possuem um importante papel na construção de formas não repressivas de inclusão e aceitação desse novo mosaico familiar.

No que diz respeito ao espaço escolar este é povoado por diferentes realidades. Assim, a escola acaba recebendo a missão de transmitir ensinamentos que muitas vezes são negligenciados pela família, como por exemplo, aqueles que falam da sexualidade e das vivências afetivas. A sexualidade é manifestada em todos os instantes, desde as brincadeiras realizadas durante o intervalo até as conversas de banheiro. Sobre este aspecto é interessante notarmos que o banheiro acaba se transformado em um espaço de descobertas. É comum que as conversas de banheiro, independente de sexo, aconteçam de forma natural, já que alguns adolescentes sentem a necessidade de expressar suas dúvidas mais comuns a alguém mais velho, nesse caso, geralmente a um amigo com quem compartilham seus “saberes” e inquietações.

Segundo a pesquisadora Souza:

Os alunos da 1ª série do ensino fundamental desenvolve sua alfabetização, integra-se com outras crianças e troca informações sobre sexualidade. [...] Nessa idade, em geral o banheiro é o ponto de encontro da criançada, o local em que examinam os genitais dos colegas, para compará-los com o seu. (SOUZA, 2002, p.124).

Durante boa parte da vida escolar as crianças e adolescente passam por várias transformações e aprendizados. Por exemplo, de oito a nove anos as crianças despertam interesses em observar a anatomia do sexo oposto, momento esse em que se iniciam pequenas alterações de comportamento, onde as crianças passam a prestar mais atenção

nas atividades que os pais realizam em casa. Dos dez aos quatorze anos, é o momento das transformações corporais. Nesse momento os adolescentes de ambos os sexos iniciam suas comparações, as meninas comparam o tamanho das mamas entre si e ao mesmo tempo preocupam mais com aparência. Já os meninos questionam o surgimento dos pelos (por que uns tem e outros não) e o tamanho do próprio genital, bem como se preocupam mais em afirmar sua masculinidade.

Para afirmar-se sexualmente alguns jovens recebem influências que geralmente são feitas por amigos e familiares. No caso das meninas, geralmente são as amigas que incentivam a ter a primeira relação, essas amigas quase sempre são mais velha ou possuem a mesma idade, porém já tiveram alguma experiência sexual. Em outros casos, são os desejos e curiosidades para saber como é a “transa” que as leva a ter suas primeiras experiências sexuais. Com relação aos garotos, geralmente estes recebem influências de tios e primos, que os pressionam a provar sua virilidade. Essas pressões podem desencadear visões distorcidas sobre o desenvolvimento da sexualidade, como por exemplo, a emergência do machismo ou feminismo. Onde as atitudes de ambos acabam se baseando meramente nas relações de poder entre os sexos.

Dentro dessa necessidade de afirmação sexual surgem brincadeiras e apelidos insinuantes. As mesmas quase sempre estão sustentadas por um forte sentido pejorativo, que consiste em denegrir a imagem do sexo oposto. Exemplo disso são os termos “viado” ou “sapatão”. Essas expressões, de cunho sexista, são usadas como forma de xingamento e fragilização da sexualidade do outro. Essas expressões denotam um vocabulário próprio que os jovens utilizam entre si, o que caracteriza uma forma muito particular de intercuro na formação sexual de cada indivíduo.

Diante do que vimos até aqui percebemos que a escola, de maneira geral, é mais que um espaço de aprendizado cognitivo. Ela assume também o papel de *locus* de aprendizado da sexualidade. Dessa forma, todas as etapas da vida escolar acabam também constituindo etapas do “desenvolvimento” sexual do indivíduo. Assim, tanto a escola quanto os professores, que acabam também se constituindo em referências, precisam intervir na promoção do diálogo que possibilite o convívio dos adolescentes, criando uma escala de valores, que prioritariamente deve valorizar o respeito e a liberdade de escolhas.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

A cada dia a sociedade brasileira traz à baila temas que até algum tempo sequer eram mencionados publicamente, como a violência contra a mulher, a pedofilia, o *bullying* e as relações homoafetivas. A escola, como um espaço social de convivência, não está isolada dessas questões. Cada vez mais a escola deve intervir na realidade debatendo, informando e questionando seu próprio fazer. No que concerne à sexualidade, entendida como uma questão que perpassa a formação humana, a escola tem a missão inarredável de preparar o educando para uma sexualidade madura e responsável. Assim, fundamentada no diálogo e no respeito às diferenças, a sexualidade não deixa de ser um assunto do espaço escolar.

Nesse sentido, este terceiro capítulo contempla o resultado de uma pesquisa empírica realizada em uma Escola Pública Municipal de Parnaíba, onde se pretendeu aferir como a temática sexualidade é tratada no contexto educacional, principalmente no que se referente ao nível Fundamental de ensino. A pesquisa teve o caráter complementar à pesquisa bibliográfica que ora apresentamos nos capítulos anteriores.

Para isso, selecionamos três (03) professores do nível de ensino Fundamental (séries iniciais) e aplicamo-lhes um questionário aberto com duas (02) questões de ordem qualitativa. Esse questionário inicialmente objetivou aferir se as professoras no seu fazer cotidiano na escola percebiam alguma manifestação da sexualidade. O questionário também teve como objetivo analisar se os professores se percebiam preparados – em nível de formação – para lidar com os mais variados contextos e situações de manifestação da sexualidade, como, por exemplo, aquelas que envolvem o corpo e o comportamento sexual.

3.1 Contextualização da Pesquisa

Os questionários foram apresentados previamente aos professores da escola campo de pesquisa. A coleta de dados deu-se no período de 16 a 18 de novembro (2011), onde as professoras selecionadas para a pesquisa tiveram liberdade de responder as questões sem serem pressionadas. As professoras foram informadas do caráter da pesquisa, bem como da necessidade de se discutir as questões propostas pelo questionário.

Primeiramente apresentaremos as respostas obtidas no questionário entregue aos professores e somente após isso daremos início a análise e interpretação dos dados. É necessário ressaltar que durante a apresentação dos dados obtidos utilizamo-nos de pseudônimos quando nos referimos aos professores, buscamos assim preservar tanto a identidade dos professores - que foram informados previamente sobre isso - quanto o caráter ético da pesquisa. Como critério de identificação dos professores investigados utilizamo-nos das letras X, Y e Z, que respectivamente identificarão os professores por nível de formação.

Assim sendo, a Professora X é graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia, a mesma já trabalha na área há pelo menos dois anos, no momento da entrevista ela atuava como professora de polivalência na escola campo de pesquisa. A Professora Y é graduada em Pedagogia, trabalha na área há pelo menos 24 anos e no momento da entrevista atuava como professora de polivalência na escola campo de pesquisa. A Professora Z é graduada em Pedagogia, possui Pós-Graduação em Psicopedagogia, tem pelo menos 17 anos de magistério e no momento da entrevista a mesma também atuava como professora de polivalência na escola campo de pesquisa.

3.2 Referencial empírico e teórico

Ao serem indagadas se percebem a manifestação da sexualidade na escola as três professoras responderam da seguinte maneira:

Entrevistador: PROFESSORA, O QUE VOCÊ PERCEBE COMO MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA ESCOLA? CITE E COMENTE.

Professora X:

Nas séries iniciais, normalmente, há um distanciamento entre meninas e meninos, porque o ponto de interesse entre ambos quase inexistente. Contudo quando há, deve ser algo falado abertamente, dependendo do foco de interesse que é manifestado. Não se deve abafar o que acontece em sala de aula ou fora dela, seja no que se refere a sexualidade ou a qualquer outro assunto, e sim esclarecido, discutido.

Professora Y:

Nas séries iniciais, dificilmente percebe-se essas manifestações mas, se for percebido alguma manifestação, o educador deve tomar iniciativa e abordar o conteúdo com cautela para não ser mal interpretado.

Professora Z:

Na faixa etária da turma de segundo ano é comum ouvirmos as crianças falarem que namoram com colegas de sala. Mas além disso não percebo qualquer manifesto como: pegar nas partes genitais ou algo parecido.

A educação sexual no âmbito escolar deve ser um trabalho sistematizado desenvolvido em sala de aula sobre as informações que as crianças trazem e tem como objetivo ordenar, esclarecer e discutir os conteúdos. Serve para eliminar os preconceitos, distorções e analisar os ideais de cada indivíduo dentro do seu processo de formação. Existem muitas formas de falar sobre a sexualidade, porém é necessário saber o que falar e como falar. O educador é o facilitador da educação, mas também é visto pelos seus educandos como um modelo de identificação sexual extrafamiliar. Significa dizer que a menina encontrará no professor um outro modelo masculino e o menino encontrará na professora um novo modelo de mulher. Essa identificação com o modelo feminino acontece com mais frequência, pois o menino encontra-se especialmente nas séries iniciais quase exclusivamente sob autoridade feminina.

Diante da questão sugerida pelo questionário percebeu-se que a observação das professoras em relação às várias possibilidades de manifestação da sexualidade é mediada por uma sensibilidade que expõe o cotidiano escolar. Assim, as questões relativas à sexualidade são tratadas pelas mesmas mediante o comportamento dos alunos, bem como a partir do interesse dos mesmos que podem surgir dentro da própria escola através de brincadeiras que os mesmos realizam nos corredores, no pátio, nas conversas que surgem nos banheiros e na própria sala de aula. As professoras relataram que caso sujam qualquer manifestação nesse sentido, o assunto deve ser tratado com cautela e com o máximo de discrição possível, tendo em vista a idade dos alunos e a própria carga de preconceitos e tabus que esse assunto carrega.

Ao serem questionadas se possuem formação e informação adequada para lidar com as mais diferentes formas de manifestação da sexualidade na escola, obtivemos as seguintes respostas:

Entrevistador: SENDO ASSIM, VOCÊ SE SENTE PREPARADA PARA LIDAR COM AS MAIS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR, PRINCIPALMENTE NA SALA DE AULA? JUSTIFIQUE.

Professora X:

Sim, porque deve ser encarado como algo normal, e cabe ao professor ensinar o respeito a tudo e a todos, seja no relacionamento ao 'normal', seja no que se refere as diferenças.

Professora Y:

Depende da ocasião ou circunstância. Se o assunto abordado estiver dentro de minhas capacidades, o assunto será explorado de maneira mais clara possível.

Professora Z:

Sim. Pois qualquer manifesto ou comentário sobre o tema abordado é comum o professor tomar a iniciativa em adotar em como a 'aula' do dia; claro que devemos falar ao aluno de acordo com a sua idade, pois muitos manifestos só são feitos pelos alunos porque ouvem ou viram algum adulto fazer ou dizer. Afinal o espelho da criança é o adulto em especial os pais.

No que diz respeito ao segundo ponto lançado no questionário percebeu-se que tanto a Professora X quanto a Professora Z mantiveram uma proximidade entre as respostas, ou seja, buscaram fundamentá-la dentro de uma compreensão de que é um tema importante e que as aulas devem incluir espaços para essa discussão. As mesmas enfatizaram a noção de respeito e preocupação com a faixa etária dos alunos. A Professora Y, manteve-se reticente à questão sugerida demonstrando que “dependo da ocasião” não estaria preparada o suficiente para lidar com determinados aspectos da sexualidade no âmbito escolar. Embora deva-se deixar claro que a resposta da Professora Y não está distante da realidade que se encontra a maioria dos professores quando se vêem diante de uma questão que envolva a sexualidade, principalmente nas séries iniciais de ensino. Pode-se atribuir a esse déficit a própria maneira como a sexualidade infantil foi tratada ao longo do tempo, já que ainda é muito presente a noção de que as crianças são incapazes de demonstra qualquer comportamento que envolva algo de cunho sexual. Dessa forma, a escola também acabou negligenciando durante muito tempo esse aspecto do “desenvolvimento” sexual humano já que quase sempre se manteve em silêncio em relação ao sexo, quando muito atuou como um aparelho normatizador do comportamento.

De maneira geral, o questionário juntamente com as respostas obtidas serviu para nos orientar empiricamente na questão de como a escola está preparada ou não para ampliar as discussões sobre a temática da sexualidade e do comportamento sexual como um todo. Haja vista a sociedade lançar sobre a escola uma responsabilidade pela formação biopsicosocial do educando, esperando que ele cumpra como cidadão e como pessoa todas as demandas de ordem ética, moral, filosófica etc., deve-se questionar até que ponto a escola avançou na compreensão desse aspecto tão importante no desenvolvimento integral do indivíduo, que é a sexualidade. Deve-se exigir da escola um amplo e democrático debate sobre temas como homossexualidade, heterossexualidade, homofobia, gênero, corpo, Aids, gravidez precoce etc.

Assim, os questionários aplicados com as três professoras envolvidas nessa pesquisa respondem apenas a uma ínfima parcela do que realmente importa quando o assunto é a sexualidade, que independente de nível de ensino deve ser tratada como um assunto de interesse social. Espera-se que outras pesquisas venham contemplar os inúmeros pontos deixados de fora nesse questionário. Embora, esperamos ter sido claros em afirmar que a escola também é um espaço de manifestação da sexualidade, e por isso mesmo ela deve ser um tema de sala de aula tão importante quanto qualquer outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o contexto histórico da sexualidade, os processos formativos da “evolução” sexual humana, bem como a maneira assumida por esse tema no espaço formal de educação, a escola.

Diante do que vimos podemos afirmar que a sexualidade compreende mais que aspectos meramente biológicos, embora estes assumam uma importância fundamental no desenvolvimento do indivíduo. Percebemos que ao longo do tempo várias foram as formas de tratamento dado ao comportamento sexual humano. Vimos, por exemplo, como as sociedades ocidentais foram mudando historicamente tanto suas práticas quanto seus conceitos e isso gerou todo um saber que acumuladamente constituiu todas as camadas que envolvem os temas sexo e sexualidade. Percebemos como as sociedades greco-romanas, ou mesmo narrativas de povos tão antigos quanto os hebreus, trataram os aspectos relativos ao tema. Vimos como o sexo assumiu toda uma carga associada a noção de pecado durante a Idade Média, assim como também pudemos perceber que nas sociedades subsequentes o mesmo comportamento que era tido como pecado durante a Idade Média foi ganhando outras conotações, nem sempre positivas, como a ideia de doença atribuída a certos “desvios” no comportamento sexual de alguns indivíduos. Anotamos também que de fins do século XIX até fins do século XX novos estudos foram sendo feitos o que ampliou a necessidade do surgimento de outros enfoques que não mais trataram o tema apenas no âmbito da ciência médica, mas que procuraram compreendê-lo também levando-se em conta questões culturais e sociais. Enfim, pudemos perceber a complexidade que envolve o tema, que não pode ser reduzido meramente a um aspecto seja ele biológico ou cultural.

No segundo capítulo pudemos discutir brevemente algumas concepções biológicas, no caso aquelas que dizem respeito às fases de desenvolvimento psicossocial. Assim pudemos apresentar algumas etapas, não necessariamente definitivas, do desenvolvimento sexual do indivíduo que segundo Freud (2002) passa pelas fases autoerótica, heteroerótica e maturação. No que concerne ao terceiro e último capítulo vimos a importância da escola como instrumento de preparo do indivíduo para essas questões, que como dissemos, não podem deixar de ser de responsabilidade da escola, tendo em vista a sua missão de educar não só o cognitivo mas também o afetivo e o sexual.

Assim, a educação sexual só se fará quando prevalecer o diálogo aberto e respeitoso todos os espaços sociais, seja na família, na escola, na política, nos programas

televisivos, enfim em todo e qualquer ambiente humano. No caso da escola, principalmente por sua missão formal de educar, a educação sexual se fará com professores com bom embasamento teórico sobre o desenvolvimento sexual humano. Espera-se que a escola promova discussões e capacitações de professores para os mesmos não se sintam reféns de preconceitos e tabus que giram em torno do tema. É desejável que a educação e a sexualidade seja abordas dentro de um enfoque sócio-cultural ampliando a visão de mundo do educando, ajudando o mesmo a aprofundar e refletir sobre seus próprios valores e principalmente fortalecendo o respeito às diferentes opiniões, pela dignidade e individualidade do ser humano.

Diante do exposto sugerimos que as escolas desenvolvam trabalhos junto aos pais para que possam trabalhar a temática educação e sexualidade promovendo debates, reuniões etc. Que a temática da sexualidade seja aborda não somente nas aulas de ciências, mas que seja inserida em todo o cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Joycelelma dos Santos. *Orientação Sexual nas Séries Iniciais: desafios e perspectiva*, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia*. São Paulo: Edições Loyola, 1995. (versão ecumênica).
- CALLIGARIS, Contardo. Por que a homossexualidade incomoda tanto?. [novembro de 2011]. São Paulo: *Revista TRIP*. Entrevista concedida a Lia Hama. (ISSN-1414-350X).
- DIAS, Maria Luzia. *Vivendo em família: relações de afeto e conflitos*. São Paulo: Moderna, 1992.
- Família Adams 2. Paramout Pictures/Orion Pictures Corporation. EUA/Dir.Barri Sanenfeld. 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A mulher/ Os rapazes: história da sexualidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *Idade Média: nascimento do ocidente*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. São Paulo: L&PM, 2007.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SOUZA, Hália Pauliv de. *Sexo, energia presente em casa e na escola*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- TOCKUS, Rosalind B. *Sexualidade nos dias de hoje: o sexo sem preconceitos*. São Paulo: Agora, 2006.

ANEXO



Universidade do Piauí – UESPI
Campus Alexandre Alves de Oliveira
Curso Licenciatura Plena em Normal Superior

Parnaíba, 16 de novembro de 2011.

Prezado(a) Professor(a)

Solicitamos sua colaboração respondendo ao questionário que se segue referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Educação e Sexualidade”, que tem como finalidade a abordagem dos contextos históricos da sexualidade, principalmente no que se refere aos aspectos escolar e familiar.

De já lhes apresentamos nossos agradecimentos.

Atenciosamente,

Adailton Galeno de Sousa

“A sexualidade é parte integrante do ser total e não apenas expressão do corpo biológico ou resultado exclusivo do funcionamento glandular. Ela é a expressão do ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o mundo e com o outro. É uma “linguagem” que será tanto mais humano quanto mais pessoal for.” (Maria Helena Pires Martins)

Atualmente a sociedade vem discutindo temas que até algum tempo sequer eram mencionados publicamente, como a violência contra a mulher, a pedofilia, o *bullying* e as relações homoafetivas. A escola, como um espaço social de convivência, não está isolada dessas questões. Cada vez mais a escola deve intervir na realidade debatendo, informando e questionando seu próprio fazer. No que concerne à sexualidade, entendida como uma questão que perpassa a formação humana, a escola tem a missão inarredável de preparar o educando para uma sexualidade madura e responsável. Assim, fundamentada no diálogo e no respeito às diferenças, a sexualidade não deixa de ser um assunto do espaço escolar.

